

# O caminho de menor resistência: Escolhas no ensino superior brasileiro por cor/raça e gênero

Kaizô Iwakami Beltrão<sup>1</sup>  
Moema De Poli Teixeira<sup>2</sup>

## Resumo

Partindo de estudos recentes que têm apontado para a segmentação das carreiras universitárias, tanto para as mulheres quanto para os negros, o presente trabalho descreve a população de nível superior no Brasil no Censo de 2000 a partir das variáveis de sexo e cor, procurando identificar os padrões da participação de mulheres e de pretos e pardos nas diferentes carreiras universitárias. Este texto pretende observar se estes padrões seguem ou não um mesmo modelo de seleção social e hierarquização nos moldes dos determinantes sócio-econômicos. A principal conclusão é de que existe certa coincidência entre as trajetórias de acesso das mulheres e dos grupos de cor socialmente menos privilegiados.

**Palavras-chave:** Cursos de graduação. Raça/cor. Gênero. Carreiras.

## Abstract

Recent studies have noticed a gender segmentation of the undergraduate market as well as a race segregation of the careers. This text intends to observe these two trends, checking if they present (or not) a common pattern of social selection and pecking order, similar to the socio-economic determinant pattern found by Ribeiro and Klein (1982) in the 1980s. This text studies the population with an undergraduate degree in Brazil in the Brazilian 2000 Census. It also considers the variables sex and color/race, trying to identify the pattern in the participation of women as well as Blacks and the Mixed-race population in the different university careers. The conclusion is that there is, to a certain extent, a coincidence among the paths of women and the less privileged racial/color groups in Brazil.

**Keywords:** Undergraduate degree. Race. Gender. Career choices.

---

1 IBGE/ENCE. <kaizo@ibge.br>

2 IBGE/ENCE <moema.teixeira.@ibge.br>

## 1 Introdução

Esta pesquisa parte dos estudos de Bourdieu e Passeron (1992) que, a partir dos anos 70, questionaram os processos de democratização do ensino demonstrando, entre outras questões relativas à educação, que escolhas de carreira universitária possuem determinantes sociais.

O interesse por este tema surgiu a partir da constatação de que tanto as mulheres quanto os negros estão presentes na universidade de forma desigual aos homens brancos no que se refere às carreiras. Tudo indica que estes últimos dominam as carreiras de mais alto prestígio e *status* sociais. Assim, buscou-se verificar até que ponto este mercado universitário coloca mulheres e negros em patamares próximos de escolha e possibilidades.

Embora Bourdieu faça referência, em seus estudos, mais especificamente à questão de gênero no livro *A dominação masculina* (1999), também faz menção aos negros que, tanto quanto às mulheres, quanto ao sexo, trazem na cor da pele o estigma que afeta negativamente tudo o que são ou fazem<sup>3</sup>.

Bourdieu identifica, ainda, o que denomina de *carreiras femininas*, numa listagem de 335 delas, segundo a porcentagem de seus membros que são mulheres e conduziram a profissões cujo eixo principal seria o cuidado de crianças (professora primária), de doenças (enfermagem e nutrição), de casas (empregadas domésticas) e de pessoas (secretárias, recepcionistas). Haveria três os eixos principais que orientariam, segundo sua análise, as escolhas das mulheres: as funções mais convenientes seriam aquelas que sugerem o prolongamento das funções domésticas – ensino, cuidado e serviços, uma vez que uma mulher não pode ter autoridade sobre homens e, por último, ao homem deve caber o monopólio da manutenção dos objetos técnicos e das máquinas (1999, p. 113). De certa forma, isso caracteriza as bases da divisão sexual do trabalho que ajuda a explicar, em parte, o hiato salarial de gênero no mercado de trabalho.

Recentemente no país, teses universitárias (TEIXEIRA, 1998; QUEIROZ, 2000) sobre censos de estudantes de terceiro grau, realizados em algumas universidades brasileiras (UFBA, USP, UERJ, UFF, UFMT, UNICAMP), têm constatado que a presença negra na universidade, além de reduzida é desigual e restrita a algumas áreas de menor prestígio e de mais fácil ingresso nos exames vestibulares, como Serviço Social, Pedagogia, Biblioteconomia e Arquivologia.

3 “Por um lado, qualquer que seja a sua posição no espaço social, as mulheres têm em comum o fato de estarem separadas dos homens por um coeficiente simbólico negativo que, tal como a cor da pele para os negros, ou qualquer outro sinal de pertencer a um grupo social estigmatizado afeta negativamente tudo que elas são e fazem e está na própria base de um conjunto sistemático de diferenças homólogas.” (BOURDIEU, 1999, p. 111) Quanto à questão racial diante desta lógica de dominação, complementa: “Essa relação extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante como pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir) e mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária e não predicativa que é a cor da pele.” (BOURDIEU, 1999, p. 8).

O objetivo principal do presente estudo é fazer um paralelo entre esses dois campos de análise da seleção universitária – o de gênero e o de cor, identificando em que sentido e dimensões os dois campos ou questões se cruzam ou se identificam no tempo e no espaço.

## 1.1 Testando Hipóteses

Partindo dos estudos que mostram que pretos e pardos se inserem preferencialmente em carreiras de menor *status* e prestígio social, a primeira questão a ser discutida seria a escala de prestígio em que a asserção está baseada. Como estabelecer essa hierarquia? Via salários? Via relação candidatos/vagas? Via pesquisa qualitativa/quantitativa realizada especificamente para este fim? Via oferta de posições? Via quantidade de executivos com a formação específica?

Estamos sugerindo que essa discussão comece testando uma hipótese básica inspirada nos estudos de Bourdieu, ou seja, se é verdade que, como alega Bourdieu, as profissões mais femininas têm um valor de mercado (e social) mais baixo, uma escolha “natural” para os grupos menos privilegiados seria o de acesso (por exemplo, a um curso superior) nas carreiras onde se verifica menor presença masculina.

A opção por trabalhar com a área de formação de terceiro grau está respaldada no imaginário coletivo das possibilidades abertas para todos os grupos de cor, ainda no campo das aspirações individuais, embora existam fatores limitadores destas possibilidades atuando dentro das escolas influenciando nessas com reflexos nas escolhas pessoais de carreira. Estudos já realizados sobre os exames vestibulares apontam que o processo de seleção ao ensino superior está fortemente condicionado pela estrutura social, o que torna a entrada na universidade uma seleção de pré-selecionados. (RIBEIRO & KLEIN, 1982). Cunha diz textualmente que: “Uma das funções da educação superior é a discriminação social através da seleção/diplomação visando à reprodução das hierarquias sociais.” (1983). Segundo Ribeiro e Klein:

[...] as carreiras e instituições de maior prestígio selecionam candidatos cada vez mais homogêneos em termos sócio-econômicos, ao passo que os candidatos de carreira e instituições de menor prestígio se distanciam cada vez mais das características dos primeiros. O vestibular, atualmente (anos 80), realiza sua seleção, na realidade, em duas etapas. A primeira pode ser identificada como pré-seleção (escolha da carreira por ocasião da inscrição no vestibular). Numa segunda etapa, os exames do vestibular realizam uma seleção já dentro de um universo pré-selecionado. (1982, p. 33).

Mais recentemente, Limongi et al (2002) apresentam dados do vestibular da USP, referentes à probabilidade de sucesso e notas médias, que corroboram a idéia do hiato socioeconômico, seja considerando-se o grupo de cor, a renda familiar, ou mesmo o sexo. Depreende-se também dos dados que grupos socialmente menos

afluentemente apresentam uma maior diferença dos grupos mais afluentes nas carreiras mais competitivas. Por exemplo, as notas e as taxas de sucesso dos brancos são maiores nos diferentes cursos pretendidos do que as correspondentes dos pretos e pardos e com um maior hiato entre os candidatos de Medicina que entre os de Letras. Situação semelhante é encontrada quando se comparam homens e mulheres, e grupos de renda selecionados.

Como já dito anteriormente, vamos trabalhar com a área de formação de terceiro grau, já que a escolha individual de curso e carreira diz respeito à auto-imagem e à percepção pessoal de que caminhos e alternativas são-lhe oferecidas. Se enfocássemos as profissões exercidas, existiriam níveis de seleção próprios da dinâmica do mercado de trabalho atuando nas relações dos diferentes grupos de cor que incluiriam outro nível de complexidade no resultado.

Optamos por considerar como indicador da participação relativa por sexo, a razão de masculinidade, igual ao quociente da população masculina e feminina (para uma dada carreira) e como indicador da participação relativa por grupo de cor, o quociente da fração de indivíduos do grupo específico de cor na carreira em questão e da fração de indivíduos do grupo específico de cor em todas as carreiras de nível superior.

Neste texto utilizamos os dados do censo demográfico de 2000<sup>4</sup>. É preciso dizer que este censo levantou a informação dos indivíduos que terminaram o curso superior de uma forma diferente daquela dos censos anteriores. Apenas os indivíduos fora da escola responderam o quesito “4.35: qual a espécie do curso mais elevado concluído”, deixando de fora do levantamento não só os indivíduos inscritos em cursos de mestrado ou doutorado, mas também aqueles que estavam cursando uma segunda graduação<sup>5</sup>. Consideramos 5 grupos de cor<sup>6</sup> como levantado nos censos brasileiros, a saber: brancos, pretos, pardos, amarelos e indígenas.

## 2 Cursos Superiores no Censo

Os Censos costumam levantar a informação do grau e da espécie do curso completo de nível mais elevado. Neste texto, vamos nos restringir aos cursos de nível superior.

Em 2000, o Censo usou, para a tabulação divulgada (IBGE, 2000), uma desagregação completamente diferente da dos censos anteriores para as áreas gerais e específicas de formação e a lista de cursos superiores concluídos se diferencia da lista de 1991, principalmente pela inclusão de novas categorias referentes a Mestrado e Doutorado.

---

4 Um trabalho mais amplo com análises a partir do censo de 1960 pode ser encontrado em Beltrão, K. I. e Teixeira, M. P., 2005.

5 O erro estimado para a proporção de indivíduos nesta situação não é pequeno para certos grupos etários mais jovens, mas assumimos que não deveria afetar as proporções de homens/mulheres e dos diferentes grupos de cor.

6 Uma discussão sobre os conceitos de cor e raça nos censos brasileiros pode ser encontrado em Beltrão, K. I., 2005.

*Educação* – Formação de Professores e Ciências da Educação; *Arte, Humanidades e Letras* – Artes, Humanidades e Letras; *Ciências Sociais, Administração e Direito* – Ciências Sociais e Comportamentais, Comunicação, Jornalismo e Informação, Comércio e Administração, Direito; *Ciências, Matemática e Computação* – Ciências da Vida, Ciências Físicas, Matemática e Estatística, Computação; Engenharia, Produção e Construção – Engenharia e Profissões Correlatas, Produção e Processamento, Arquitetura e Construção; Agricultura e Veterinária – Agricultura, Silvicultura e Recursos Pesqueiros, Veterinária; Saúde e Bem Estar Social – Saúde, Serviço Social; Serviços – Serviços Pessoais, Serviços de transporte, Preservação Ambiental, Serviços de segurança; Área de formação mal definida.

### 3 A mulher e o ensino superior no Brasil<sup>7</sup>

A inversão do hiato de gênero na educação é uma conquista feminina recente na história do Brasil. As mulheres brasileiras aumentaram a entrada no ensino secundário e superior apenas no início do séc. XX, ainda assim em proporção muito menor do que a dos homens. Dados sobre o número de inscritos, por sexo, nos ensinos secundário e superior, entre 1907 e 1912 (IBGE, 2003), mostram que apenas um quarto do total de estudantes dos cursos secundários eram mulheres e, nos cursos superiores, não mais do que 1,5%.

Não podemos esquecer que foi só com a LDB, promulgada em 1961, equiparando os cursos de nível médio (normal, clássico e científico), que as mulheres que tinham seguido o curso normal (até então um curso terminal) puderam concorrer nos vestibulares às carreiras de ensino superior.

Trigo (1994) considera que:

[...] ainda que só depois dos anos 60 tenha surgido com maior expressão a figura da mulher profissional exercendo carreiras liberais ou acadêmicas, fruto de uma formação universitária, mudanças no universo das relações de gênero e no imaginário familiar com respeito ao lugar social da mulher já podem ser percebidas desde a década de 30 com a criação da USP e da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, fato determinante para o acesso das mulheres aos estudos superiores.”

Lewin (1977) já alertava que, mesmo após a abertura do ensino superior às mulheres, de alguma forma manteve uma segregação nas escolhas possíveis entre as carreiras ditas masculinas e as femininas. Além disso, exemplificando com a carreira de psicologia o ocorrido com os cursos de nível superior descreve um período de expansão da oferta de vagas, principalmente na iniciativa privada e preenchidas preferencialmente por mulheres. Cumpre notar que a estas novas vagas estavam associadas

7 A questão de gênero e educação é desenvolvida mais extensamente em Beltrão e Alves (2004).

uma impressão de mais baixa qualidade de ensino do que nas universidades públicas, ou nas pré-existentes universidades católicas. Bruschine (1983) levanta a hipótese de que carreiras femininas, como a psicologia, permitiriam uma maior flexibilidade de escolhas posteriores pela sua não tecnicidade, adequando-se à condição feminina como difundido nas normas socialmente aceitas.

Foi apenas a partir de meados dos anos 80, com o processo de redemocratização do país, que as políticas públicas voltadas para a universalização da educação básica e o continuado aumento da oferta de vagas com a expansão das universidades privadas, que as mulheres conseguiram inverter o hiato de gênero na educação, em todos os níveis. “Elas souberam aproveitar as oportunidades criadas pelas transformações estruturais e institucionais ocorridas no país.” (BELTRÃO & ALVES, 2004).

Rosemberg (2001), analisando dados de matrícula na educação profissional do MEC/INEP constata a persistência de uma segmentação das carreiras semelhantes ao já apontado por Lewin (1977): “[...] mulheres tendem a seguir cursos propedêuticos e homens cursos profissionais.” No entanto, ao analisar os dados do ENC (que não inclui nem a totalidade dos graduandos nem a dos cursos), conclui por uma feminização de certas carreiras anteriormente de predominância masculina.

## 4 Escolaridade da população

É bastante conhecido o fato de que o acesso à instrução/educação dos diferentes grupos de cor é diferenciado, mesmo no nível mais básico, o da alfabetização (ver BELTRÃO & NOVELLINO, 2003). Estes autores também apontam para uma entrada escola, dos pretos e pardos, mais tardia e com menor probabilidade de sucesso, hiato que vai aumentando nos níveis mais elevados de ensino. Ainda que nossa análise seja referente às carreiras de nível superior, para contextualizar a situação dos diferentes grupos, optamos por apresentar uma breve descrição dos dados do segundo e terceiro graus. Os primeiros podem ser entendidos como a demanda potencial para os cursos universitários (terceiro grau).

### 4.1 Nível Médio

A Tabela 1 apresenta na primeira coluna a proporção de homens de 10 anos e mais com o segundo grau completo e por grupo de cor. Ainda que exista uma sensível melhora com o passar dos anos, as diferenças são patentes quando se comparam os grupos de cor. Nota-se uma clara ordenação entre os valores, que têm permanecido consistente ao longo dos censos, entre os diferentes anos analisados: amarelos, brancos, pardos, pretos e indígenas, sendo que os dois primeiros grupos apresentam

valores acima da média nacional, e os demais abaixo. O hiato que parece se fechar numa velocidade maior diz respeito aos pretos e pardos. Em 2000, a diferença é muito pequena entre os dois grupos<sup>8</sup>. Já a de brancos e pretos também apresenta uma grande redução, um pouco menos de duas vezes em 2000, quando era de duas vezes e meia em 1991.

Tabela 1 – População de 10 anos e mais com segundo grau completo por cor e sexo - 2000

Grupo de cor	Homens	Mulheres	Razão de sexo
Branco	17,86%	20,26%	0,882
Pretos	9,01%	11,11%	0,811
Amarelos	27,24%	26,62%	1,023
Pardos	9,39%	12,09%	0,777
Indígenas	7,77%	8,54%	0,910
Total	13,94%	16,65%	0,837

Fonte: IBGE, Censo 2000.

A segunda coluna da Tabela 1, apresenta, para as mulheres, os mesmos valores que a primeira coluna apresentou para o sexo masculino. Os comentários são basicamente semelhantes no que diz respeito ao hiato de cor, ao incremento da cobertura no período e à ordenação dos diferentes grupos.

A terceira coluna da Tabela 1, apresenta a razão de sexo da proporção de indivíduos de 10 anos e, mais com o segundo grau completo, por grupo de cor. Existe um progresso mais rápido das mulheres *vis-à-vis* aos homens neste nível educacional (na verdade, em todos os níveis educacionais – ver BELTRÃO, 2003). Os grupos de cor economicamente mais afluentes apresentam, via de regra, razões de sexo mais elevadas (brancos e amarelos), indicando um menor hiato de gênero nestes grupos. Os amarelos apresentam mesmo uma razão de sexo maior do que a unidade em 2000.

Trabalhar com taxas brutas, considerando a população acima de uma certa idade, mascara diferenças que existem entre as coortes de nascimento. A Tabela 2 apresenta o valor modal alcançado pelos diferentes grupos de cor, ou seja, a maior taxa de conclusão do ensino médio de uma coorte. A vantagem de trabalhar com o valor modal por oposição a uma taxa bruta, como a da tabela anterior, é que a moda independe da distribuição etária. O que se nota é que o valor alcançado pelas mulheres é consistentemente maior para todos os grupos de cor e o hiato de gênero é maior para pretos e pardos.

8 No Censo de 2000, a pergunta da última série concluída com sucesso só é feita na amostra para os indivíduos que não estavam na época na escola. Este procedimento criou uma distorção visível na forma da curva para este ano (ver Gráficos 4 e 6).



Tabela 2 – Valor máximo de todas as coortes da taxa de conclusão do ensino médio por sexo e grupo de cor - 2000

Grupo de Cor	Homens	Mulheres
Branco	37,4	45,4
Pretos	16,8	23,9
Pardos	18,2	25,4
Amarelos	72,9	75,1
Indígenas	14,9	16,4
Total	27,4	36,0

Fonte: IBGE, Censo 2000.

## 4.2 Nível Superior

Semelhante à Tabela 1, que apresentou a proporção de indivíduos de 10 anos e mais com o segundo grau completo por grupo de cor, a Tabela 3 apresenta as informações para o nível superior. Também para os homens neste nível educacional nota-se a ordenação entre os valores: amarelos, brancos, pardos, pretos e indígenas, sendo que os dois primeiros grupos apresentam valores acima da média nacional e abaixo, os demais. O hiato de pretos e pardos também parece estar se fechando. Por outro lado, os amarelos parecem estar se distanciando da média nacional. Os ganhos dos pretos, amarelos e pardos foram bem maiores do que os dos brancos.

Tabela 3 – População de 10 anos e mais com nível superior completo por cor e sexo - 2000

Grupos de cor	Homens	Mulheres	Razão de Sexo
Branco	6,57%	6,60%	0,996
Pretos	1,24%	1,58%	0,789
Amarelos	21,11%	18,33%	1,152
Pardos	1,29%	1,55%	0,833
Indígenas	1,37%	1,40%	0,977
Total	4,19%	4,46%	0,939

Fonte: IBGE, Censo 2000.

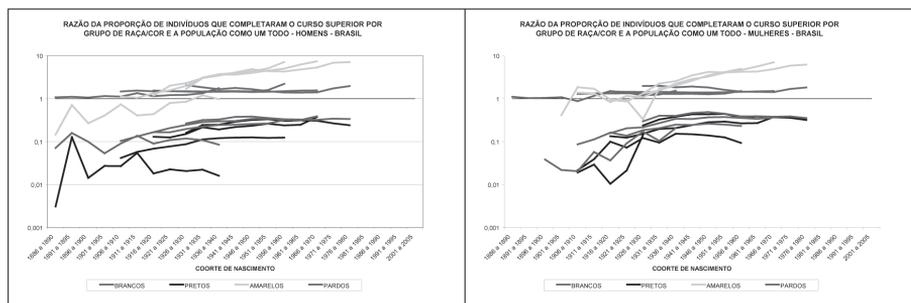
A segunda coluna da tabela 3 apresenta as estatísticas correspondentes às mulheres. A notar, as mesmas discrepâncias, a mesma ordenação e ganhos maiores para pretas, amarelas e pardas.

A terceira coluna da Tabela 3 apresenta a razão de sexo das proporções apresentadas nas duas tabelas anteriores. Em 2000, temos comportamentos diferenciados por cor. Amarelos não inverteram o hiato de gênero, como não havia invertido o do segundo grau. Brancos inverteram o hiato de gênero, mas os valores são bem perto da unidade. Pretos, pardos e indígenas inverteram o hiato e as mulheres estão se distanciando.

A proporção de indivíduos que termina o ensino médio e continua os estudos não é muito grande. Dentre estes, os que terminam o curso universitário é ainda menor. Para pretos e pardos, em torno de 16%, dos indivíduos que terminam o ensino médio, o fizeram também no ensino superior. Para brancos e amarelos, esta proporção é bem mais significativa alcançando valores de, respectivamente, 37 e 51%.

O Gráfico 1 apresenta a razão das proporções de indivíduos que terminaram o ensino superior por grupo de cor e a média do Brasil. Novamente, as maiores proporções de cobertura são alcançadas pela população amarela (37% para mulheres e homens, ver Tabela 4). Aqui também percebe-se a mesma ordenação entre os grupos, consistente por sexo: amarelos, brancos, pardos, pretos e indígenas. Como ocorrido para o nível médio, esta ordenação não se verifica tão somente com o valor máximo, mas também acompanha todas as coortes de nascimento. A inversão do hiato de gênero, que ocorre para todos os grupos de cor, não chega a alcançar os valores modais para a população como um todo e para alguns grupos.

Gráfico 1



Como já mencionado, o valor modal alcançado pelos homens é ligeiramente maior do que o das mulheres, para a população como um todo. Esse comportamento se reproduz em três dos grupos de cor: brancos, amarelos e indígenas (ver Tabela 4). Os homens pretos e pardos apresentam valores modais inferiores aos das mulheres de mesma cor. As diferenças entre os valores modais de conclusão de um curso universitário são maiores do que para o curso de segundo grau. Uma possibilidade é que o processo de inversão do hiato esteja avançando mais rapidamente nos grupos pretos e pardos, os quais, apresentando uma menor proporção de indivíduos tendo completado níveis de ensino formal permite um maior avanço.

Tabela 4 – Valor máximo de todas as coortes da Taxa de conclusão do nível superior por sexo e grupo de cor (%)

Grupo de Cor	Homens	Mulheres
Branco	12,6	12,0
Pretos	2,8	3,2
Pardos	3,0	3,2
Amarelos	37,1	36,8
Indígenas	3,9	3,5
Total	8,6	8,5

No entanto, esse avanço não ocorre uniformemente em todas as carreiras. Como adiantado na introdução, existem carreiras que são preferencialmente “escolhidas” por mulheres. Como lembra Bourdieu (1999), pois a divisão sexual do trabalho é norteada pelos princípios de que os homens devem dominar o espaço público e o campo de poder (produtivo e econômico), enquanto as mulheres devem ficar circunscritas ao espaço privado, onde se perpetua a lógica da economia dos bens simbólicos, ou a extensão do mesmo, no qual estariam incluídos os serviços sociais (enfermagem, serviço social *stricto sensu*, psicologia e biblioteconomia) e educacionais (pedagogia e licenciaturas em geografia, matemática, história e filosofia), bem como o universo da produção simbólica (literatura, arte e jornalismo):

Se as estruturas antigas da divisão sexual parecem ainda determinar a direção e a forma das mudanças, é porque, além de estarem objetivadas nos níveis, nas carreiras, nos cargos mais ou menos fortemente sexuados, elas atuam através de três princípios práticos que não só as mulheres, mas também seu próprio ambiente, põem em ação em suas escolhas: de acordo com o primeiro destes princípios, as funções que convêm às mulheres se situam no prolongamento das funções domésticas: ensino, cuidados, serviço; segundo, que uma mulher não pode ter autoridade sobre homens e tem, portanto, todas as possibilidades de, sendo todas as coisas em tudo iguais, ver-se preterida por um homem para uma posição de autoridade ou de ser relegada a funções subordinadas, de auxiliar; o terceiro confere ao homem o monopólio da manutenção dos objetos técnicos e das máquinas (BOURDIEU, 1999, p. 112-113).

O mesmo acontece com os diferentes grupos de cor: existem escolhas diferenciadas. Este tema será desenvolvido na próxima seção.

## 5 Participação por sexo e cor nas diferentes carreiras

Para podermos melhor descrever a participação por sexo e cor nas diferentes carreiras, definimos algumas estatísticas, a saber: razão de sexo e a razão (padronizada) de cor nas carreiras. A razão de sexo,  $rs_{i,t}$ , para a carreira  $i$  no instante  $t$  é calculada como:

$$rs_{i,t} = \frac{\text{homens}_{i,t,r}}{\text{mulheres}_{i,t,r}};$$

onde  $\text{homens}_{i,t,r}$  é a população masculina de nível superior da carreira  $i$  no instante  $t$  e de cor  $r$ ; e  $\text{mulheres}_{i,t,r}$  é a população feminina de nível superior da carreira  $i$  no instante  $t$  e de cor  $r$ . A ausência de um dos índices aponta o somatório naquele índice. Por exemplo, a população masculina numa dada carreira  $i$  pode ser calculada como a soma de todas as populações masculinas de cada cor na carreira:

$$\text{homens}_{i,t} = \sum_r \text{homens}_{i,t,r}.$$

A razão padronizada de indivíduos de cor  $r$  na carreira  $i$  é definido como a razão da proporção de indivíduos daquele grupo de cor na carreira  $i$  e no total das carreiras, ou seja:

$$rp_{i,t} = \frac{\left( \frac{\text{homens}_{i,t,r} + \text{mulheres}_{i,t,r}}{\text{homens}_{i,t} + \text{mulheres}_{i,t}} \right)}{\left( \frac{\text{homens}_{\cdot,t,r} + \text{mulheres}_{\cdot,t,r}}{\text{homens}_{\cdot,t} + \text{mulheres}_{\cdot,t}} \right)}.$$

Para uma dada carreira,  $i$ , o numerador da razão padronizada é exatamente a proporção de indivíduos do grupo de cor na carreira em questão.

O índice  $r$  tomará valores correspondentes às categorias de cor/raça como levantado no Censo 2000 (IBGE, 2000). Os valores tomados pelo índice  $i$  são referentes aos cursos como levantados no mesmo Censo (IBGE, 2000).

## 5.1 Participação por sexo nas diferentes carreiras

Ainda que o rol de carreiras em oferta tenha se ampliado ao longo das últimas décadas, a maioria dos cursos continua com predominância masculina, embora tenha ocorrido um avanço na feminização dos cursos, ou seja, a cada censo é maior a proporção de mulheres com nível superior em quase todas as carreiras (ver Gráfico 2 para as carreiras com proporcionalmente mais mulheres e Gráfico 3 para as com mais homens). A maior predominância de mulheres acontece no curso de Serviço Social, seguido dos cursos de Pedagogia, Enfermagem e Biblioteconomia. Os cursos de Matemática e Farmácia, por exemplo, que nos censos anteriores apresentavam uma primazia masculina, ainda que muito perto da situação de equilíbrio, invertem esta situação com, proporcionalmente, um maior contingente feminino.

A ampliação da oferta de carreiras no período intercensitário também introduz novas possibilidades de inserção preferencialmente masculinas. O desdobramento de engenharia em subtipos, como Elétrica, e a introdução do nível de mestrado/doutorado no levantamen-

to censitário, caminha na mesma direção aumentando os cursos masculinos. Dos 11 cursos de pós-graduação *stricto sensu* identificados no censo, apenas quatro são mais femininos: educação, artes, ciências humanas e sociais e biologia, os dois últimos bem próximos à equanimidade entre homens e mulheres. É interessante observar que os cursos de mestrado, via de regra, apresentam uma maior proporção de homens do que o bacharelado correspondente.

Gráfico 2

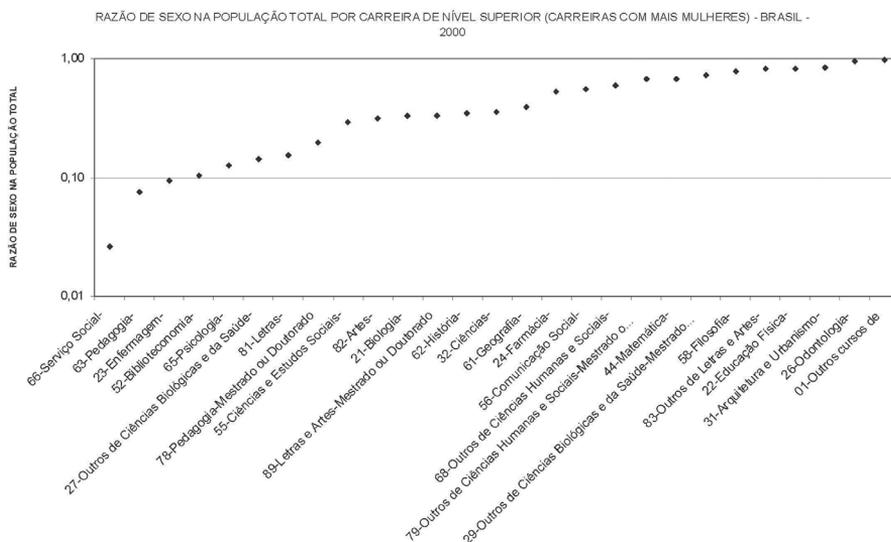
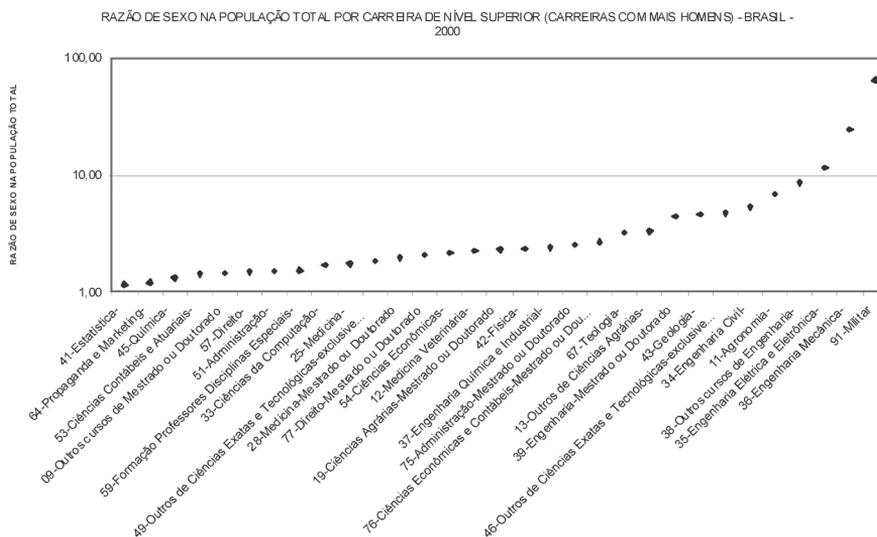


Gráfico 3



## 5.2 Relação entre representatividades de sexo e cor

Para melhor quantificar a impressão de que carreiras masculinas apresentam uma maior proporção de brancos e amarelos e que as femininas apresentam uma maior proporção de pretos, pardos e indígenas, optamos por apresentar um conjunto de gráficos (ver Gráfico 4 a Gráfico 7) desagregado pelos grupos de cor. Neles, cada ponto representa uma carreira. No eixo das abscissas temos, em escala logarítmica, as informações da razão de sexo e, no eixo das ordenadas a informação da razão padronizada do grupo de cor. Além disso, apresentamos a reta de mínimos quadrados ordinário e o intervalo de confiança de 95%.

Mais uma vez constata-se que quanto mais feminina a carreira, maior a proporção de pretos, pardos e indígenas, ocorrendo o inverso com brancos e amarelos. Além disso, cumpre notar que as razões de sexo por grupo de cor são altamente correlacionadas, i.e., carreiras com proporcionalmente mais homens brancos têm também proporcionalmente mais homens pardos, mais homens pretos, mais homens amarelos e mais homens indígenas. No entanto, é nas profissões mais femininas que existem, em linhas gerais, mais pretos, pardos e indígenas. Estas observações são consistentes com o fato de que o avanço tem sido maior entre as mulheres pretas e pardas do que entre os homens do mesmo grupo racial. Existem, porém, algumas exceções notáveis. São elas, os pontos mais distantes da reta de regressão (que descreveria a “relação” típica entre razão de sexo e a razão padronizada de presença do grupo de cor na carreira) e, via de regra, deveriam estar fora do intervalo de confiança de 95%.

Branco estão sub-representados em quatro carreiras: enfermagem, geografia, outros de tecnologia e teologia. Os pretos estão super-representados em três carreiras, Teologia, outros de Humanas e Estatísticas. Por outro lado, estão sub-representados em Psicologia. Os pardos apresentam uma proporção estatisticamente significativa, acima do valor esperado nas carreiras de geografia, história e teologia. Os amarelos estão sub-representados na carreira militar. Por outro lado, têm uma maior participação em Computação e outros de Tecnologia. “Psicologia”, uma carreira mais feminina, apresenta uma proporção maior do que a esperada de brancos. As carreiras de nível superior “Eclesiásticas” e “Militares”, por outro lado, apresentam consistentemente uma proporção maior do que a esperada de pardos e menor de brancos. Pretos estão super-representados em teologia e outros de letras e os amarelos na situação oposta nestas mesmas carreiras, sub-representados.

Gráfico 4

RAZÃO PADRONIZADA DA PRESENÇA DE BRANCOS VERSUS RAZÃO DE SEXO NA POPULAÇÃO TOTAL POR CARREIRA DE NÍVEL SUPERIOR - BRASIL - 2000

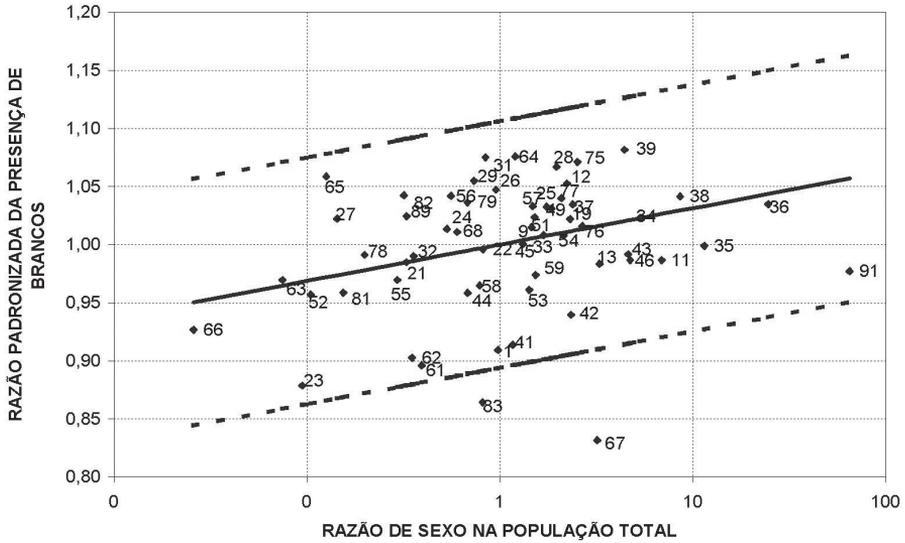


Gráfico 5

RAZÃO PADRONIZADA DA PRESENÇA DE PRETOS VERSUS RAZÃO DE SEXO NA POPULAÇÃO TOTAL POR CARREIRA DE NÍVEL SUPERIOR - BRASIL - 2000

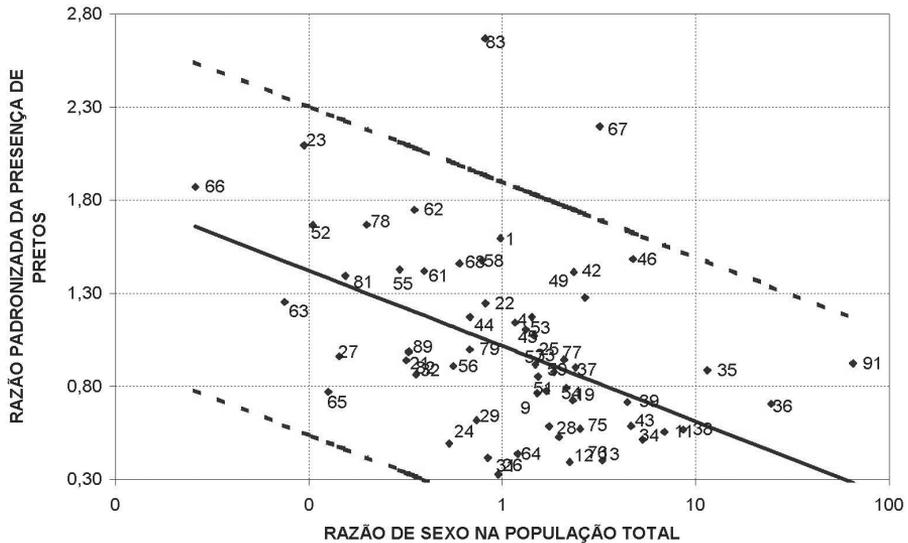


Gráfico 6

RAZÃO PADRONIZADA DA PRESENÇA DE AMARELOS VERSUS RAZÃO DE SEXO NA POPULAÇÃO TOTAL POR CARREIRA DE NÍVEL SUPERIOR - BRASIL - 2000

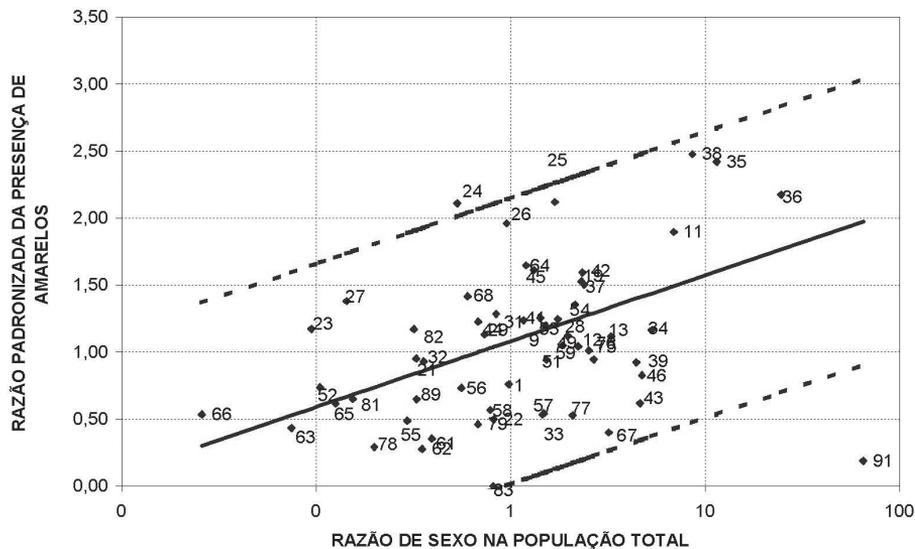
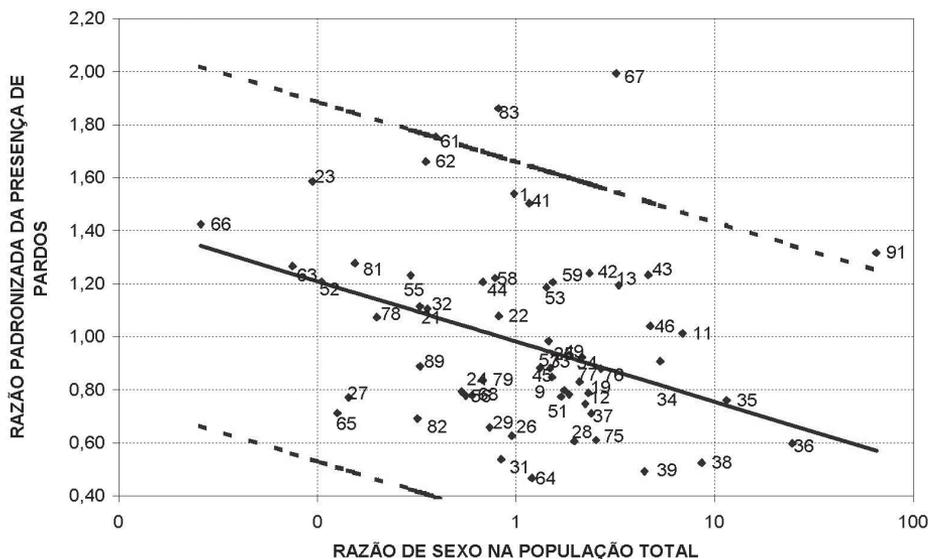


Gráfico 7

RAZÃO PADRONIZADA DA PRESENÇA DE PARDOS VERSUS RAZÃO DE SEXO NA POPULAÇÃO TOTAL POR CARREIRA DE NÍVEL SUPERIOR - BRASIL - 2000



## 6 Comentários e Conclusões

O que podemos depreender dos dados censitários brasileiros no que concerne à inserção dos diferentes grupos de cor nas carreiras universitárias, é que esta inserção ocorre de alguma forma espelhando a escala de ordenação de participação por sexo: via de regra, as carreiras mais masculinas têm uma menor participação de pretos e pardos e, carreiras mais femininas, uma maior participação desses grupos. Este texto confirma os achados de estudos recentes que têm apontado para a segmentação desse mercado universitário tanto para as mulheres (BOURDIEU, 1999) quanto para os negros (TEIXEIRA, 1998; QUEIROZ, 2000; GUIMARÃES; PRANDI, 2001).

O aumento da escolaridade feminina e o de pretos e pardos seguiu linhas temporais muito semelhantes com um mesmo padrão de seleção social e hierarquização, nos moldes dos determinantes socioeconômicos constatados por Ribeiro e Klein (1982), nos anos 80. O que se conclui é que existe uma certa coincidência entre os caminhos de acesso das mulheres e dos grupos de cor menos privilegiados. Essas observações são consistentes também com o fato de que o maior avanço nas últimas décadas tem sido mais expressivo entre as mulheres pretas e pardas do que entre os homens dos mesmos grupos de cor.

Algumas carreiras são exceções para esta regra, tanto entre as mais femininas, como, no outro extremo, entre as mais masculinas. Entre as mais femininas, a maior inserção relativa de pretos e pardos se dá em enfermagem, geografia e história. Entre as mais masculinas se dá nas carreiras de teologia e na carreira militar. É interessante notar que estas duas carreiras não se enquadram dentro da cadeia produtiva capitalista *stricto sensu*, mas dentro do mercado de bens simbólicos. Geografia e História são carreiras voltadas para o ensino e, portanto, também seguem a mesma lógica do mercado de bens simbólicos (BOURDIEU, 1999), com a vantagem adicional de terem uma clientela cativa, o alunado, por oposição às profissões liberais nas quais a clientela precisa ser conquistada. A carreira de Psicologia (código 65), por exemplo, ainda que não apresente os pontos consistentemente fora dos intervalos de confiança, mostra valores mais altos e bem perto do limite superior para brancos nos três anos analisados, e valores baixos e bem próximos ao limite inferior para pretos e pardos.

## Referências

- BELTRÃO, Kaizô I. Raça e Fronteiras sociais: lendo nas entrelinhas do centenário hiato de raças no Brasil. In: Soares, S.; Beltrão, K.; Barbosa, M.L.; Ferrão, M.E. **Os mecanismos de discriminação racial nas escolas brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2005.
- \_\_\_\_\_; TEIXEIRA, Moema D. P. Cor e Gênero na Seletividade das Carreiras Universitárias. In: Soares, S.; Beltrão, K.; Barbosa, M.L.; Ferrão, M.E. **Os mecanismos de discriminação racial nas escolas brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2005.

\_\_\_\_\_; ALVES, José Eustáquio D. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX **Anais** do XIV Encontro Nacional da ABEP, Caxambu, 2004.

\_\_\_\_\_; NOVELLINO, Maria Salet. **Alfabetização por raça e sexo no Brasil**: evolução no período 1940-2000, RT1, ENCE/IBGE, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_; Jean-Claude PASSERON, **A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CUNHA, L. A. Ensino superior e hierarquização social. **Educação Brasileira**, CRUB, ano V. n. 11, p. 41-46, 2. semestre, 1983.

GUIMARÃES, A. S., PRANDI, R. Censo étnico-racial da USP: primeiros resultados. 2001. Acessível em: <<http://www.usp.br/politicaspUBLICAS/censo.html>>.

IBGE, **Censo Demográfico**. IBGE, 2000.

\_\_\_\_\_. **Manual do Recenseador**. IBGE, 2000.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do Século XX**, 2003.

KLEIN, Ruben e RIBEIRO, Sérgio Costa. A Divisão Interna da Universidade: Posição Social das Carreiras. **Educação e Seleção**. n. 5, jan./jun. 1982.

LEWIN, Helena. **Diversificação da demanda ao ensino superior**: o comportamento feminino diante da carreira universitária. Rio de Janeiro: Fundação CESGRARIO, 1977.

LIMONGI, Fernando P.; PIQUET CARNEIRO, Leandro, SILVA, Paulo Henrique da, MANCUSO, Wagner P., **Acesso à universidade de São Paulo**: atributos socioeconômicos dos excluídos e dos ingressantes no vestibular. São Paulo: USP/NUPES - Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior, [2002]. (Documento de Trabalho 3/02).

QUEIROZ, D. M. Desigualdades raciais no ensino superior: a cor da UFBA. **Educação, racismo e anti-racismo**, 2000 (Novos Toques, 4).

RIBEIRO, Sergio Costa ; KLEIN, Ruben. A Divisão interna da universidade: posição social das carreiras. **Educação e Seleção**, n. 5, p. 29-43, jan./jun. 1982.

ROSEMBERG, Fúlvia. Políticas Educacionais e Gênero: um balanço dos anos 1990. **Cadernos Pagu**, n. 16, 2001, p. 151-197.

TEIXEIRA, Moema de Poli. **Negros em ascensão social**: trajetórias de alunos e professores universitários no Rio de Janeiro. 1998. 331f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 1998.

TRIGO, Maria Helena Bueno. A Mulher universitária; códigos de sociabilidade e relações de gênero. In: BRUSCHINI, Cristina; SORJ, Bila (Orgs.). **Novos olhares : mulheres e relações de gênero no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas- Marco Zero, 1994. p. 89-110.

Recebimento em:	12/02/2008
Aceite em:	13/06/2008